

A cosmopolização no universo em expansão e contração: integração e exclusão nas redes urbanas do mundo em desenvolvimento

Douglas Sathler^{1*}, Roberto Monte-Mór²

¹Geógrafo (IGC – UFMG) e Doutor em Demografia (Cedeplar – UFMG). Professor da UFVJM.

²Arquiteto e Urbanista (UFMG), Ph.D. em Planejamento Urbano (University of California). Professor Associado no Cedeplar- UFMG.

Resumo: A globalização reestruturou as relações entre as cidades com implicações em todo o planeta. As principais cidades do mundo, denominadas de *Cosmopolis* em uma perspectiva pós-moderna, é a expressão máxima do avanço da globalização. O artigo apresenta algumas reflexões que consideram os impactos desse processo nas redes urbanas, o surgimento dos grandes centros de expressão global e as novas configurações das redes urbanas ao redor do mundo. Após isso, busca-se explorar aspectos relativos à integração das redes urbanas dos países em desenvolvimento no sistema global de cidades. As redes urbanas destes países, geralmente mais fragilizadas e menos dinâmicas em comparação as porções mais desenvolvidas do Globo, revelam a coexistência de diferentes padrões de articulação muitas vezes marcados pela fluidez e pela conectividade e outras vezes marcados pela rugosidade e pela exclusão. No mundo em desenvolvimento, a ideia de *Cosmopolis* entendida como sendo algo ainda não totalmente concretizado, tem um maior poder explicativo do que quando utilizada apenas para rotular cidades como São Paulo, Cidade do México, Bombaim ou Buenos Aires. Neste caso, seria mais válido pensar em *cosmopolização*, ao invés de *Cosmopolis*, direcionando o foco das atenções para o *processo*, o que poderia revelar muito mais do que confundir. As cidades em globalização, ou em *cosmopolização*, não se tornarão cidades exatamente iguais aos atuais centros de comando da economia mundial. Assim como nos estudos sobre a globalização, os processos que regem o aumento da participação das cidades numa escala global devem dialogar com as especificidades regionais e locais ao redor do mundo.

Palavras-chave: Cosmopolis, Cosmopolização, Globalização, Rede Urbana, Urbano.

1. Introdução

A intensificação dos fluxos de pessoas, bens, informações e capitais, impulsionada pelo surgimento de novos canais de comunicação e pelo desenvolvimento de meios de transportes mais baratos e eficientes, reconfigurou a forma de organização, o tamanho e a funcionalidade dos centros urbanos ao redor do Globo. A globalização atua aumentando o grau de relacionamento e conexão entre cidades de diversas partes do mundo, com destaque para o que pode ser chamado de “*cosmopolização* no universo em expansão e contração”.

O termo *Cosmopolis* considera o papel estratégico das principais cidades do mundo no contexto da globalização, com base em uma perspectiva pós-moderna (SOJA, 2000). Assim, o “universo em expansão” representa o alcance cada vez maior das redes urbanas nacionais, que passam a interagir com maior intensidade e frequência com áreas mais distantes.

Mesmo as principais cidades do mundo podem ampliar seus níveis de interação e relacionamento, sobretudo com vastas regiões do planeta que ainda não participam de maneira decisiva dos processos globais de integração. No caso das grandes cidades dos países em desenvolvimento, os espaços a serem conquistados são bastante extensos, inclusive dentro do próprio território nacional.

Já o “universo em contração” se refere à compressão do espaço e ao encurtamento das distâncias entre as várias estrelas (cidades) que irradiam informações, pessoas, bens e capitais. Em uma situação imaginária, as redes urbanas do planeta atingiriam um grau de integração e proximidade de tal maneira que a realidade imposta seria algo similar ao universo anterior ao Big Bang, com a efetivação da superação do espaço pelo tempo. Sendo assim, teríamos apenas um ponto que concentraria toda a massa e energia existentes.

No *universo em cosmopolização*, o mundo em desenvolvimento tem exibido sinais claros de que seus maiores centros de expressão estão deixando de lado o papel de meros coadjuvantes no sistema global de fluxos (TAYLOR, 2004; TAYLOR *ET AL*, 2011). No entanto, os

*doug.sathler@gmail.com

estudos têm se concentrado em um grupo seleto de cidades, na maioria das vezes, pertencentes a países desenvolvidos. As análises das principais cidades do mundo em desenvolvimento ficam bastante empobrecidas quando os esforços teóricos e, também, os trabalhos empíricos, tentam apenas encaixá-las em um mapa global muito mais do que refletir sobre suas particularidades (ROBINSON, 2002; 2006).

Embora não exista homogeneidade entre os sistemas urbanos do mundo em desenvolvimento, de uma forma geral, estes se apresentam mais fragilizados em comparação as porções mais dinâmicas do Globo, revelando a coexistência de diferentes padrões de articulação muitas vezes marcados pela fluidez e pela conectividade e, outras vezes, marcados pela rugosidade e pela exclusão. Abordagens mais específicas e aprofundadas sobre a realidade destas cidades poderiam oferecer mais subsídios para os estudos urbanos e, também, fornecer uma ideia melhor de como estas cidades se inserem e se posicionam na rede mundial de cidades.

Em um primeiro momento, o artigo apresenta algumas ideias que consideram os impactos da globalização nas redes urbanas, o surgimento dos grandes centros de expressão global e as novas configurações das redes urbanas ao redor do mundo. Após isso, busca-se explorar aspectos relativos à integração das redes urbanas dos países em desenvolvimento no sistema global de cidades. O texto é norteado por algumas perguntas básicas de pesquisa: quais os impactos da globalização nas redes urbanas? Como a globalização atua nas redes urbanas dos centros mais dinâmicos do globo e nas maiores cidades dos países em desenvolvimento? Quais as principais transformações nas redes urbanas após a virada do milênio? Como a *cosmopolização* e a evolução destes processos globais de integração se articulam com as especificidades regionais e locais nos países em desenvolvimento? Pode-se falar na existência de *Cosmopolis* nos países em desenvolvimento?

2. As redes urbanas no contexto da globalização

Nos últimos anos, o mundo passou por profundas transformações que imprimiram uma realidade econômica e sócio-espacial bem diferente do que era observado há não muito tempo atrás. Vários paradigmas se quebraram para a conformação da atual era da informação, do capitalismo financeiro e dos novos arranjos produtivos. A intensificação do processo de globalização ampliou o raio de influência das cidades e a capacidade de troca entre as diversas regiões do planeta. Assim, as grandes aglomerações urbanas se tornaram eficientes catalisadoras de fluxos, sobretudo nos países desenvolvidos.

A rede urbana deve ser concebida como um conjunto de centros funcionalmente articulados e, nesse sentido, a intensificação da globalização em vastas áreas do globo tem remodelado os padrões de hierarquia e de relacionamento entre as cidades. As cidades são os nódulos dos sistemas de fluxos que, por sua vez, dinamizam a rede urbana e estruturam o território, sendo os principais atores na ampliação, aprofundamento e aceleração da interconexão

mundial em todos os aspectos da vida social (HELD *ET AL*, 1999).

A globalização pode ser entendida como a compressão do mundo e a intensificação de uma consciência global, o que alarga e aprofunda as interações sociais que ligam localidades distantes em tal medida que acontecimentos locais são moldados por eventos longínquos e vice e versa (ROBERTSON, 1992). A palavra chave para entender este conceito é “intensificação”, considerando tudo o que tem acontecido nas sociedades urbanas ao menos nos últimos mil anos (SOJA, 2000).

O conceito de “globalização” tem um forte viés economicista, já que este é um processo que tem atuado no sentido de integrar regiões distantes em um sistema econômico global. Nesse sentido, os diversos tipos de fluxos e as atividades de comando e gerenciamento são internacionalizados e interdependentes em escala mundial (HAMMOUDA, 2000). O espaço econômico (PERROUX, 1961) e o espaço abstrato (LEFEBVRE, 1991) são fortes referências para se pensar o espaço globalizado, muitas vezes diante da predominância dos espaços sociais e/ou locais. Não obstante, a ideia de globalização também possui um forte componente sócio-espacial, político e cultural.

Recentemente, houve crescimento no interesse pelos estudos das redes urbanas, tanto na academia quanto na sociedade em geral (CASTELLS, 2011). Estas abordagens têm considerado a existência de diferentes escalas: micro, meso e macro. Estes três níveis exigem perguntas específicas para cada situação. Enquanto os estudos sobre micro redes urbanas focam as relações que existem dentro das cidades, como as relações sociais entre vizinhos e o impacto da distribuição das centralidades intraurbanas, no outro extremo, macro redes se preocupam com os diversos tipos de links estabelecidos entre as cidades, no âmbito nacional e global (NEAL, 2012).

As cidades estão conectadas no espaço urbano por uma diversidade considerável de redes, que se diferem em termos de tipo, escala e estrutura. A principal questão nos estudos das redes urbanas é identificar, numa perspectiva interdisciplinar, como cada uma destas redes interage no espaço. Deve-se avançar nos estudos que tentam explorar essa variedade de links que conectam as principais cidades do mundo à rede urbana global (PFLIEGER; ROZENBLAT, 2010). Nesse sentido, o nível de centralidade das cidades depende, em certa medida, de que tipo de laço interurbano está sendo considerado (CARROLL, 2007).

Na década de 1970, Santos (1978, p.87) ressaltou que “a economia mundial de nossos dias não é mais governada pelos que detêm as massas, isto é, os que produzem, mas pelos que se encontram em condições de transformar essas massas em fluxos”. Com a revolução técnica, científica e informacional, os fluxos simbólicos se tornaram mais decisivos na definição das hierarquias urbanas e da capacidade de polarização de cada um de seus nódulos (SANTOS, 1978). A revolução informacional com a crescente importância do *espaço dos fluxos* (CASTELLS, 1989; 1997) e a influência dos principais centros de comando do mundo (SASSEN, 1989; 2009; SOJA, 2000; TAYLOR, 2004; TAYLOR *ET AL*, 2011) têm remodelado as redes urbanas em todas as partes do globo.

Diante destas transformações, Sathler *et al.* (2009) destacam alguns impactos da globalização no dinamismo e no funcionamento das redes urbanas mundiais: a) intensifica os fluxos; b) amplia o alcance das redes e dos diversos nós; c) estimula a regionalização; d) muda a direção dos fluxos, com a possibilidade de aprofundamento das relações entre o local e o global sem a atuação de centros intermediários; e) amplia a possibilidade de especialização funcional por parte das cidades; f) atua na criação de áreas de exclusão.

A globalização (re) modelou as formas de interação entre as cidades. Se, por um lado, a globalização estimula a conectividade entre as maiores centralidades do planeta, por outro lado, este processo também pode alterar a capacidade de estruturação territorial regional destes pólos, dentro de suas áreas de influência imediatas. De acordo com Castells (1999), as regiões e as localidades não desapareceram, mas ficaram mais integradas nas redes internacionais que conectam seus setores mais dinâmicos, sobretudo nos países desenvolvidos. Já a possibilidade de especialização funcional nas redes urbanas mais dinâmicas cria condições favoráveis para o desenvolvimento local, permitindo que os principais agentes econômicos destes nós se dediquem com maior intensidade ao desenvolvimento de atividades em maior sintonia com as “vocações” destas cidades. A especialização funcional torna algumas cidades, cada vez mais, dependentes e integradas às redes, fazendo que os retornos econômicos sejam cada vez mais favoráveis. Mesmo nos países em desenvolvimento, é nítida a predominância de determinadas funções em cidades pertencentes a regiões com maior dinamismo. Nesse contexto, Sassen (2009) considera que a economia global precisa de uma diversidade de capacidades econômicas, tendo em vista que cidades diferentes possuem recursos e talentos diferentes para produzir tipos particulares de capacidades.

No contexto da globalização, em uma rede urbana equilibrada os serviços não estão necessariamente presentes em todos os lugares. Entretanto, sua oferta deve ser imediata diante da articulação das aglomerações com centros adjacentes em posição superior na hierarquia urbana. Parece claro, portanto, que as cidades não podem ser estudadas de maneira isolada, tanto nos países desenvolvidos, quanto nos países em desenvolvimento. A cidade não começa e termina dentro de sua extensão territorial e mesmo suas características intra-urbanas apenas serão corretamente interpretadas se considerado a inserção e o papel da centralidade nos sistemas de fluxos, numa perspectiva multi-escalar.

Se o avanço e a intensificação da globalização geram uma série de efeitos positivos, por outro lado, o desenvolvimento desse processo também agrava e amplia vários conflitos sociais. Nas grandes cidades dos países em desenvolvimento, conectadas de maneira ainda incipiente com as economias globais, os efeitos perversos da globalização podem ser sentidos principalmente nas extensas periferias repletas de pobres e excluídos com baixa qualificação profissional. Não obstante a existência de aspectos negativos advindos da globalização, as redes urbanas dos países desenvolvidos e em desenvolvimento estão mais integradas do que no passado.

As redes urbanas evoluíram com a globalização. Nos países desenvolvidos, esta constante aproximação das

centralidades, cada vez mais articuladas, imprimiram novas configurações nos sistemas de fluxos e na organização hierárquica das cidades. Historicamente, em sistemas urbanos incipientes ou em regiões mais estagnadas, a rede urbana geralmente assume uma forma mais simplificada, denominada de *dendrítica*. Esse padrão pressupõe a existência de uma cidade que concentra a maior parte do comércio atacadista exportador e importador, além de um número relativamente grande de pequenos núcleos e a ausência de cidades de porte intermediário. A transição da *rede dendrítica* para a chamada *rede complexa* implicou no desenvolvimento de cidades de médio porte com funções multivariadas. Estas centralidades são importantes para garantir maior equilíbrio à rede ajudando na articulação entre os diversos nós organizados de maneira hierárquica.

Nessa mesma linha de raciocínio, tem sido frequente o uso das expressões *redes monocêntricas* e *redes policêntricas* na literatura internacional (CAMAGNI e SALONE, 1993; LAMBOOY, 1998; GOEI ET AL, 2009). Policentrismo basicamente denota a existência de múltiplos centros em uma área, diferente da estrutura monocêntrica que apresenta uma divisão nítida entre a cidade e o restante da região. Recentemente, cresce o consenso de que a estrutura das cidades nas sociedades desenvolvidas tem apresentado aumento no nível de policentrismo (ANAS ET AL, 1998; KLOOSTERMAN E MUSTERD, 2001; PARR, 2004; HALL; PAIN, 2006; VASANEN, 2012).

No entanto, as redes urbanas contemporâneas já não podem ser pensadas da mesma forma do que no passado. As décadas anteriores foram marcadas pela conformação do *espaço dos fluxos* e pelo aumento do *alcance* das redes e dos sistemas de conexão. Mesmo diante das extensas áreas de exclusão, o mundo parece ter ficado pequeno com o poder de alcance dos fluxos (SATHLER, 2009). Nesse ritmo de constantes inovações e com o advento da *Cosmopolis*, outros paradigmas estão sendo quebrados, sobretudo nas porções mais desenvolvidas do globo.

A rede urbana global evoluiu muito com a revolução informacional (CASTELLS, 2009) e com a incorporação das novas formas de *flexibilidade* e *interatividade* responsáveis pela aceleração dos fluxos, sobretudo aqueles de natureza imaterial. Assim, o *alcance* já não surpreende tanto como no passado. Tendo em vista a rede urbana global e a atuação das principais cidades do mundo nos sistemas de fluxos, Sathler (2009; 2010) chama a atenção para o que denominou de *Redes Móveis (Moving Networks)*, ressaltando as características de uma realidade repleta de redes cada vez menos geométricas e com menos rigidez, dotadas de fluxos a procura de caminhos que, em alguns momentos, parecem contrariar a lógica cartesiana estabelecida por uma visão de mundo atrelada às redes urbanas *monocêntricas* e *policêntricas*. Nessa perspectiva, tudo o que imprime dinamismo a rede urbana global, necessariamente, aumenta o poder de articulação das principais cidades do mundo.

Diante de todas estas inovações no universo das informações, a rede urbana ganha força, com o papel central desempenhado pelas cidades e demais prolongamentos do tecido urbano na intermediação dos fluxos, embora estes tenham se rebelado contra os caminhos tradicionais. Nesse mundo das informações, que possui uma capacidade surpreendente de renovação, os indivíduos estão cada vez

mais dotados de maior poder de participar dos grandes fluxos globais, que deixaram de ser quase que exclusividade das empresas transnacionais de maior destaque.

Enquanto Milton Santos destacava a importância do que chamou de “meio técnico-científico informacional”, caracterizando o espaço social como um todo (SANTOS, 1996), as ideias apresentadas por Castells na década de 1990 e no início do novo milênio também já traziam alguns elementos que apontavam, em um plano conceitual, para o nascimento das *Redes Móveis*, mesmo sem levar em consideração o recente surto de inovações. O desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma recente dissociação entre proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, compras, entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo entre outras. Por isso, os futurologistas frequentemente predizem o fim da cidade, ou pelo menos das cidades como as conhecemos até agora, visto que estão destituídas de sua necessidade funcional (CASTELLS, 1996).

As *Redes Móveis* surgem com as transformações na forma e na capacidade de produzir e absorver fluxos. Estas redes estão presentes em todas as partes do mundo e dialogam e coexistem com as redes tradicionais presentes nos países com menor nível de desenvolvimento, que contam com o ainda elevado número de pessoas não dotadas de bens materiais e educacionais para participar intensamente dos fluxos globais.

Diante dessas considerações, se torna impossível entender a *Cosmopolis* e a forma com que o mundo desenvolvido e as principais cidades do mundo em desenvolvimento se integram na rede urbana global sem ter em mente estes novos padrões, que ampliaram, ainda mais, a importância dos fluxos na vida das cidades, sobretudo aqueles de natureza informacional.

3. *Cosmopolis*: o futuro se impõe, o passado não se aguenta

A globalização tem transformado a relação entre as cidades com impactos diretos nas redes urbanas que se articulam numa escala global. O dinamismo das principais cidades do mundo depende do avanço da globalização, tendo em vista que as inovações tecnológicas têm afetado a forma, intensidade e o direcionamento dos fluxos materiais e imateriais ao redor do globo. Estas cidades são capazes de articular as economias regionais, nacionais e internacionais em um único sistema (HILL, 2004).

As principais cidades do mundo incorporam com maior nitidez as transformações advindas da globalização e passam a exercer funções de comando em uma hierarquia urbana cada vez mais abrangente na escala global. O papel estratégico desempenhado pelas grandes cidades é reforçado pela combinação da dispersão espacial das atividades econômicas com a integração dos sistemas que estão no centro da era econômica (FRIEDMANN; WOLFF, 1982). Estas ideias dialogavam com os trabalhos de Perroux (1961), que pensava a economia mundial com base na conformação de sistemas polarizados, e de Wallerstein (1974), que lançou a hipótese do surgimento de um sistema mundo. Diante do avanço da globalização e das

transformações na rede mundial de cidades, os centros mais dinâmicos do planeta são os espaços privilegiados dos fluxos de investimentos, pessoas, informações e inovações tecnológicas que estão reformulando os espaços urbanos (SOJA, 2000).

Nas duas últimas décadas, diversas abordagens exploraram os impactos da globalização e o papel dos principais centros de comando do planeta. Na literatura especializada, expressões como *Cidade Informacional* (CASTELLS, 1989), *Cidade Mundial* (KING, 1990), *Cidade Global* (SASSEN, 1991) e *Cosmopolis* (SOJA, 2000) lançam luz sobre as recentes mudanças econômicas, sócio-espaciais e culturais das principais cidades contemporâneas com enfoques diferenciados.

No trabalho de Castells (1989; 1997), a *Cidade Informacional* é a cidade do *espaço de fluxos*, na qual uma série de transformações sociais, econômicas e políticas, potencializadas pelas tecnologias de informação e comunicação, têm prenunciado novas formas de interação das pessoas com o espaço urbano. Esta cidade contemporânea deve ser entendida a partir de uma visão que considere seus aspectos materiais e virtuais, ou seja, as redes físicas de estrutura urbana e os *espaços de fluxos* construídos por meio de relações sociais. De acordo com Castells (1997, p.67), “estamos vivendo um intervalo cuja característica é a transformação de nossa ‘cultura material’ pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação” (CASTELLS, 1989; 1997; 1999).

Na abordagem de Sassen (1991), as profundas mudanças na composição, geografia e no quadro institucional da economia global tiveram fortes implicações para as cidades. Sassen (1994, p.15) afirma que, “uma das mudanças mais importantes ocorridas ao longo dos últimos vinte anos foi o aumento da mobilidade do capital, em nível nacional e, sobretudo, transnacional.” De acordo com a autora (1994, p.23), o “comércio internacional continua sendo um fator importante na economia global, porém tem sido ofuscado em seu valor e em seu poder por fluxos financeiros internacionais”. Em meados do século XX, os maiores fluxos econômicos internacionais eram representados pelo comércio mundial, sobretudo de matérias-primas e outros produtos primários e manufaturados. Na década de 1980, verificou-se o aumento do hiato entre a taxa de crescimento das exportações e os fluxos financeiros internacionais. Nesse sentido, os novos padrões de investimento modelam as relações espaciais de poder, e o papel das cidades foi fortalecido com o domínio acentuado do capital financeiro e dos serviços especializados (SASSEN, 1991).

Assim, Sassen (1991) destacou a importância dos três maiores centros de comando da economia mundial: Nova York, Londres e Tóquio. Estas cidades combinam dispersão espacial e integração global, assumindo um novo papel estratégico. Além de centros de comércio internacional e bancários, estas cidades desempenham funções multivariadas: a) alta concentração de pontos de comando na organização da economia mundial; b) lócus privilegiado das finanças e das firmas prestadoras de serviços especializados; c) sítios de produção, incluindo a produção de inovações; d) consolidados mercados consumidores de produtos e inovações (SASSEN, 1991).

Estabelecendo um diálogo com todas estas abordagens, o uso do termo *Cosmopolis* para se referir às concentrações urbanas que protagonizam os maiores fluxos mundiais ganhou espaço na literatura internacional. A *Cosmopolis* é tida como o lócus do desenvolvimento técnico, científico e informacional. Um espaço que reúne as condições necessárias para a reprodução do capital financeiro e especulativo, além de oferecer a infraestrutura indispensável para a produção e comercialização de bens especializados.

A palavra *Cosmopolis* se origina do Grego e concilia a *Polis* (administração das cidades) com a ideia de *Cosmos* (universo astronômico). Este termo foi lançado pelo filósofo Toulmin (1990) em *Cosmopolis: The Hidden Agenda of Modernity*, referindo-se aos espaços urbanos globalizados. Durante a década de 1990, surgiram dois trabalhos relevantes que contaram com o comprometimento dos autores em pensar as principais cidades do mundo sob uma perspectiva crítica Pós-Moderna. Primeiramente, Isin (1997) argumenta que a *Cosmopolis* representa o que denomina de *metropolis unbound*, ainda encarada como uma *Polis*, embora fragmentada, espraiada e globalizada. Já Sandercock (1998a), evidencia que a *Cosmopolis* seria uma utopia Pós-Moderna nunca concretizada, que, mesmo apesar de não existir, está em todos os lugares.

Assim, Soja (2000) explora o termo *Cosmopolis* para enriquecer o arcabouço teórico que serviu de suporte para o estudo do que chamou de *Postmetropolis*. Na abordagem do autor, antes que se desse como finalizada a formação da metrópole fordista-keynesiana, inicia-se um novo processo de reestruturação socioeconômica e espacial. Assim, o prefixo *pós* é enfatizado com objetivo de entender a pós-metrópole com base nas abordagens pós-estruturalistas, pós-fordistas e pós-keynesianas, considerando suas implicações espaciais (SOJA, 2000; MAGALHÃES, 2008).

Não há dúvida que os países de economia mais dinâmica que abrigam as cidades que se aproximam mais da utópica *Cosmopolis* de Sandercock são os protagonistas dos fluxos de informações, mercadorias e serviços. Cidades como Nova York, Londres, Tóquio não se destacam na rede urbana apenas pelos expressivos contingentes demográficos, mas, sobretudo, pela maior proporção de pessoas com capacidade de interagir em escala global.

As *Cosmopolis* não apenas articulam as cidades dos países desenvolvidos, pois sua escala de atuação é global. Os países em desenvolvimento passam a se integrar mais no sistema global de cidades diante do aumento no nível de relacionamento com centros mundiais dotados de grande capacidade de articulação. Estes centros globais, em alguma medida, reorganizam os espaços urbanos do mundo em desenvolvimento de forma a permitir maior interação destes espaços nos sistemas de fluxos globais. Dessa forma, entender a *Cosmopolis* significa também entender parte da realidade de cidades muitas vezes distantes e em contextos regionais bem diferentes. Não obstante a existência de grandes áreas de exclusão destacadas pela globalização torna-se cada vez mais perceptível a crescente participação das centralidades mais dinâmicas do mundo em desenvolvimento na rede mundial de cidades.

No universo em *cosmopolização*, não se pode colocar em segundo plano o papel desempenhado pelos maiores centros de comando do planeta. Entretanto, não se pode perder de vista a crescente participação econômica, social e cultural

das grandes cidades dos países em desenvolvimento no sistema global de cidades.

4. Globalização na era das redes em desequilíbrio e as principais cidades dos países em desenvolvimento

Atualmente, os desdobramentos da globalização têm sido percebidos em quase todas as partes do planeta. No entanto, a realidade do mundo desenvolvido e, mais especificamente, dos países ocidentais, tem dominado a agenda dos estudos urbanos (ROBINSON, 2002; 2006). Nas duas últimas décadas, o volume de publicações sobre os impactos da globalização nas principais cidades dos países em desenvolvimento não cresceram proporcionalmente ao aumento da importância destes nós na rede urbana mundial.

Após meados do séc. XX, os primeiros estudos sobre as cidades dos países em desenvolvimento (*subdesenvolvidos* ou de *terceiro mundo*), de uma maneira geral, não penetraram de maneira profunda nessa realidade urbana, sendo construídos com base em abordagens “exteriores” aos problemas investigados e derivados dos fenômenos urbanos dos países ocidentais (ver REDFIELD; SINGER, 1954; JONES, 1966; FRIEDMAN; LACKINGTON, 1966; WELLISZ, 1971; SMAILES, 1971). Para se ter uma ideia, Reissman (1970, p.174) afirma que “o processo urbano nos países em via de desenvolvimento repete atualmente muitos traços descritos para o mundo ocidental” e o trabalho de Bauer (1957) faz uma análise comparativa entre a Índia de seu tempo e o mundo europeu medieval. Contrariando este tipo de abordagem, Santos (1979, p.16) declara que “não há mais razão para se continuar nesse caminho. Os últimos 20 anos (1955-1975) provaram que ele não levou a nada” (SANTOS, 1979).

Não obstante, é possível encontrar algumas publicações relevantes sobre as redes urbanas e o papel das maiores cidades dos países em desenvolvimento, sobretudo a partir da década de 1970 (ver CASTELLS, 1972; SANTOS, 1979). Estes estudos deixavam claro que a definição de espaço nos países em desenvolvimento apresentava uma série de peculiaridades, não sendo comparável às definições adotadas nos países desenvolvidos.

Santos (1978) destaca que nos países tidos como subdesenvolvido, o espaço é derivado, periférico, aberto, seletivo, incompletamente organizado, descontínuo, não integrado, instável e diferenciado. Nesta publicação, o autor expõe as dificuldades de integração desses países com os pólos exteriores. Apenas em grandes aglomerações como São Paulo, Bombaim, Buenos Aires, Cairo e Cidade do México era possível pensar em integração destas com as principais cidades do mundo da época. Em vastas áreas dos países em desenvolvimento predominava a não fluidez já que a mobilidade das pessoas e dos bens era mínima em relação ao que se podia verificar no mundo desenvolvido. (SANTOS, 1978).

Ao considerar a realidade urbana dos países em desenvolvimento, Santos (1979, p.19) alerta que “não se trata de um mundo *em desenvolvimento*, mas de um mundo *subdesenvolvido* com suas características próprias e seus mecanismos fundamentais”. Assim, não seria correto dizer que as cidades desses países estariam em uma transição para

o que se observa nos países desenvolvidos. Na perspectiva do *Espaço Dividido*, o autor destaca que nas grandes cidades dos países subdesenvolvidos a economia urbana se articula com base na presença de dois circuitos, o *circuito superior* e o *circuito inferior*, sendo o último dependente do primeiro, renunciando o que Santos (1966) denominou de *circuito moderno* e *circuito tradicional*. De acordo com o autor (1979, p.40), o circuito superior “é constituído pelos bancos, comércio e indústrias de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores”. Já o circuito inferior “é construído essencialmente por formas de fabricação não intensivas, pelos serviços não modernos do varejo e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão” (SANTOS, 1979). Obviamente, estes dois circuitos evoluíram e se transformaram com o passar das décadas, o que deve ser levado em consideração nos estudos recentes. No entanto, a essência desta abordagem continua importante.

No livro *A Questão Urbana*, Castells (1972, p.79) destaca que “a urbanização em curso nas regiões subdesenvolvidas não é uma réplica do processo que atravessam os países industrializados”. O autor revela que “no mesmo estágio de população urbana alcançado hoje em dia pelos países subdesenvolvidos, o nível de industrialização dos países desenvolvidos era bem mais alto”. Assim, Castells (1972, p.79) chama a atenção para a hiperurbanização nesses países, ou seja, “a ideia de um nível de urbanização superior ao que poderíamos alcançar normalmente, em vista do nível de industrialização”. Na opinião do autor os países subdesenvolvidos deveriam ser denominados de *países explorados, dominados e com economia deformada* (CASTELLS, 1972).

Tendo em mente o que denominou de *Revolução Urbana*, Lefebvre (1970) chama a atenção para o conjunto de transformações que a sociedade contemporânea atravessa para passar do período em que predominam as questões de crescimento e industrialização para a busca das soluções próprias da sociedade urbana. Muitos dos aspectos abordados pelo autor servem de base para pensar as grandes cidades dos países em desenvolvimento, com destaque para a *Implusão* (enorme concentração de pessoas, atividades, de riquezas, de coisas e objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) e a *Explosão da cidade* (a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos: periferias, subúrbios, residências secundárias, etc.). Numa perspectiva Lefebvriana, ao pensar a realidade do mundo em desenvolvimento, Monte-Mór (1994; 2004) utiliza o conceito *urbanização extensiva* para se referir à extensão dos processos e das formas urbano-industriais para além das cidades, que carrega as condições de produção urbano-industriais e a “práxis urbana”.

Ainda, após meados do séc. XX, os países em desenvolvimento foram palcos de muitos estudos de natureza demográfica que tentavam entender o crescimento populacional exagerado das grandes cidades (SINGER, 1968; TAEUBER, 1965). Com isso, muito se investiu em aspectos relacionados à dinâmica demográfica, à desigualdade e pobreza, e ao crescimento econômico das principais cidades dos países em desenvolvimento sem, no entanto, existir grandes investimentos teóricos e empíricos para esclarecer a crescente inserção destas cidades no sistema mundo.

O mundo já está diferente da realidade descrita por estes clássicos. Alguns aspectos da realidade dessas regiões já se transformaram e, em alguns casos específicos, foram até mesmo superados. No entanto, ainda é possível encontrar muitos traços do que foi descrito, décadas atrás, nos países em desenvolvimento. Na verdade, nestes espaços, o atraso e a exclusão se misturam a uma inundação de novidades tecnológicas que são absorvidas parcialmente pela população.

Diante da existência de espaços que não se inserem, ou que se inserem parcialmente na rede mundial de fluxos, caberia até mesmo o questionamento sobre a existência de uma rede urbana global. No entanto, as abordagens que consideram a relação entre as principais cidades do mundo desenvolvido e em desenvolvimento e a articulação dessas cidades em seus subsistemas regionais são bastante promissoras. Assim, é preciso o entendimento de que, desde o seu surgimento, a rede urbana global sempre esteve incompleta, vivenciando uma série de processos que apontam para a maior integração e, também, para transformações na organização hierárquica das centralidades.

Nesse universo de discussões, é inegável o aumento da importância das principais cidades dos países em desenvolvimento na rede mundial de cidades, sobretudo após a virada do milênio. Na visão de Lemanski (2007), uma nova geração de *Cidades Globais* surge nesses países, com destaque para aquelas pertencentes à Ásia e à América Latina. Contudo, os trabalhos recentes sobre esta nova geração de cidades mostram que estas ainda não se confundem com os maiores centros de comando do planeta, fornecendo importantes subsídios para este debate.

Sobretudo na última década, os trabalhos empíricos têm se destacado nos estudos sobre as principais cidades do mundo. Alguns destes estudos têm considerado o poder de influência não apenas das principais cidades do mundo desenvolvido, mas também, das cidades mais dinâmicas dos países em desenvolvimento (GUGLER, 2004; NEWMAN; THORNLEY, 2005; TAYLOR ET AL, 2011). Repetindo o mesmo erro que, de uma forma geral, foi observado na condução das abordagens teóricas, boa parte dos trabalhos empíricos tratam das principais cidades dos países em desenvolvimento com base em um arcabolo (teórico e metodológico) construído para entender a realidade dos centros de maior expressão das porções mais dinâmicas do planeta. Abordagens mais específicas e aprofundadas sobre a realidade destas cidades poderiam oferecer mais subsídios para os estudos urbanos e, também, fornecer uma ideia melhor de como estas cidades se inserem e se posicionam na rede mundial de cidades (ROBINSON, 2005).

As principais cidades dos países em desenvolvimento apresentam uma diversidade de particularidades relacionadas ao seu desenvolvimento histórico que as colocam em níveis diferentes de integração na rede urbana global. No entanto, é possível identificar alguns aspectos gerais que são encontrados nas cidades do mundo em desenvolvimento em diferentes graus de intensidade. Nessas cidades, recursos de ponta se misturam com a escassez de planejamento urbano e regional, problemas de gestão pública, a concentração demográfica, carências na infraestrutura (ferrovias, portos, aeroportos, estradas, telefonia, internet, entre outros setores), alta incidência de

pobreza e baixo investimento em capital humano, a existência de fortes desequilíbrios regionais, entre outras particularidades. Estes aspectos caminham lado a lado com a crescente capacidade dessas cidades de absorção das novidades que aproximam as pessoas e tornam a realidade mais integrada. Esse aumento no dinamismo urbano não se alastrou por todas as partes do mundo em desenvolvimento, se restringindo a regiões onde houve concentração de investimentos públicos e privados.

Nos países em desenvolvimento, as *Megacidades* surpreendem em população, embora o prefixo “Mega” não se encaixe tão bem quando se refere à intensidade dos fluxos informacionais, financeiros e de bens especializados para ambos os casos. Forrest *et al.* (2004, p. 2) argumentam que “a literatura sobre as *Cidades Globais* faz distinção entre os nós de poder, controle e dominação cultural e os centros com maior concentração populacional”. Dessa maneira os autores concluem que “*Megacidades* não são necessariamente *Cidades Globais*”.

O planejamento urbano e regional nos países em desenvolvimento, de uma forma geral, ainda é ineficiente. Nos grandes centros urbanos destes países, o planejamento nasceu numa tentativa de superar enormes passivos em quase todos os setores: transporte, comunicação, habitação, meio ambiente, entre outros. Oliveira (2006) destaca também, problemas relacionados à ênfase dada ao tecnicismo, à burocracia de formulação e controle e às previsões. Ainda, as falhas de gestão em todas as esferas de governo nos países em desenvolvimento são grandes empecilhos para estas cidades. No caso brasileiro, merece destaque a incapacidade da criação de instrumentos eficazes de gestão compartilhada entre os municípios das maiores regiões metropolitanas do país.

Não é difícil perceber as carências de infraestrutura nas cidades do mundo em desenvolvimento, sobretudo aquelas ligadas aos sistemas de transporte e comunicação. Na década de 1990, Hilling (1996) descreve que em vastas regiões dos países em desenvolvimento era comum a presença de “estradas intransitáveis, ferrovias mal conservadas, companhias aéreas falidas, cidades congestionadas e portos ineficientes”. Nos últimos 15 anos, se por um lado a oferta de serviços de transporte aumentou, a demanda por estes serviços aumentou em maior proporção, diante do desenvolvimento e do crescimento do PIB nesses países.

Apesar do avanço da globalização nessas cidades, paralelamente às grandes transformações na sociedade contemporânea, a dinâmica intra-urbana e regional desses nós ainda convivem com vastas periferias que estão distantes dos processos centrais que norteiam o crescimento econômico global. As periferias estão presentes não apenas no interior dos países em desenvolvimento, mas também nas grandes cidades como São Paulo, Cidade do México e Mumbai diante do expressivo contingente de pessoas desprovidas de recursos materiais e educacionais indispensáveis para interação na escala global.

O baixo investimento em capital humano é nítido na maior parte dos países em desenvolvimento. No entanto, alguns dados sugerem que nas porções mais urbanizadas da China os investimentos em educação têm ganhado maior destaque. Tendo como parâmetro o teste “Pisa” realizado pela OECD (Organisation for Economic Co-operation and

Development) a província chinesa de Xangai obteve a maior pontuação dentre todos os 65 países participantes na edição de 2009. Este teste é realizado a cada três anos e mede o conhecimento de jovens de 15 anos de idade ao redor do mundo. Na primeira edição, em 2000, o Brasil ficou na última posição dentre os 32 países participantes (OECD, 2009).

Nas maiores cidades do mundo em desenvolvimento, o crescimento econômico e o recente aumento do consumo têm gerado graves implicações. O relatório divulgado pelo McKinsey Global Institute (2012), intitulado *Urban World: cities and the rise of the consuming class*, revela que o PIB das 600 cidades mais ricas do mundo irá aumentar 30 trilhões entre 2010 e 2025. Ainda, estima que cerca de 1 bilhão de novos consumidores irão surgir nas cidades emergentes do mundo em desenvolvimento. Estas cidades não estão preparadas para as demandas econômicas, sociais e ambientais que surgem a todo o momento, com repercussões negativas no nível de competitividade na hierarquia global. O relatório destaca a necessidade urgente de ampliação dos investimentos públicos nas principais cidades dos países em desenvolvimento, sobretudo na infraestrutura urbana e domiciliar, no transporte e nos serviços de oferta de água e saneamento.

Ademais, dentre os principais empecilhos aos fluxos materiais e imateriais nas redes urbanas dos países em desenvolvimento, cabe destacar que o contexto regional também é importante, inclusive para entender a capacidade de interação global das principais cidades desses países. Nos países desenvolvidos, a presença de cidades médias dinâmicas espalhadas no território confere funcionalidade e fluidez para a rede urbana, o que amplia o poder de articulação e de integração das principais cidades desses países. Em algumas regiões do mundo em desenvolvimento, os desequilíbrios no funcionamento das redes podem ser agravados pela macrocefalia urbana e pela concentração da oferta e da disponibilidade de serviços nas grandes cidades.

A partir da revolução informacional, a ampliação abrupta dos raios de influência das centralidades que protagonizaram essas transformações econômicas e sócio-espaciais atuou na integração de redes que, até então, não se relacionavam ou se relacionavam com pouca intensidade. No entanto, as principais cidades dos países em desenvolvimento se articulam mais com seus raios de influência imediatos do que com as cidades mais importantes do globo, o que demonstra a fragilidade de articulação global destas centralidades em relação a centros como Nova York, Londres ou Tóquio.

Aumentar o poder de diálogo das grandes cidades do mundo em desenvolvimento com aquelas que estão no topo da hierarquia global também poderá significar o estreitamento dos laços interurbanos com outros pontos estratégicos situados em áreas menos integradas. Esta hipótese carece de confirmação empírica e, sem dúvida, maiores esforços analíticos forneceriam mais elementos para este tipo de debate.

Já o trabalho de MA *et al* (2012) testa uma hipótese diferente: maior integração entre as principais cidades do mundo poderia significar o enfraquecimento das relações destas com os espaços nacionais. De acordo com os autores, nas cidades classificadas como sendo Centros de Mercado, maior integração global significou enfraquecimento das

relações destas cidades nas redes urbanas nacionais entre 1993 e 2007. Já nos Centros Políticos e no que os autores denominaram de Cidades de duplo papel, maior status global não teve nenhum efeito significativo na integração destas cidades com os seus sistemas regionais nesse período. Mesmo que o trabalho tenha incorporado as principais cidades Chinesas, o estudo não esteve voltado para o entendimento da realidade do mundo em desenvolvimento.

Ademais, os estudos regionais apontam para a criação e o fortalecimento do que tem sido chamado de cidades-região. Segundo Magalhães (2008, p.9), “a cidade-região é entendida como a área metropolitana mais concisa somada de seu entorno imediato, incluindo uma série de centralidades de pequeno e médio porte no alcance dos processos de metropolização”. Assim, os nós de articulação global são ampliados e reforçados num contexto de maior fluidez e conexão regional, com repercussões inclusive entre as cidades dos países em desenvolvimento (LENCIONI, 2000; 2003; 2004).

Atualmente, os países em desenvolvimento e aqueles menos desenvolvidos apresentam diversos níveis de dinamismo econômico e o ritmo da globalização varia imensamente, assim como entre muitas regiões e cidades. Toda esta diversidade de situações dos países em desenvolvimento sugere uma inserção diferenciada de suas principais cidades na rede urbana global. Ainda, a dinâmica interna das redes urbanas e regionais destes países também é bem diversa. Assim, torna-se necessário o amadurecimento de reflexões voltadas para entender melhor o significado da inserção das cidades mais globalizadas dos países em desenvolvimento na rede mundial de cidades.

As redes urbanas dos países em desenvolvimento não apresentam o mesmo nível de equilíbrio encontrado nos países desenvolvidos. As cidades dos países em desenvolvimento parecem experimentar uma conjunção de elementos que apontam para a coexistência de padrões novos e antigos, específicos tanto das *redes dendríticas*, quanto das *complexas e móveis*.

Diante dessa complexidade de questões a serem avaliadas nas abordagens teóricas e empíricas das redes urbanas e das principais cidades do mundo em suas diversas escalas, Marcuse e Van Kempen (2000a) defendem o abandono do termo *Cidade Global*, uma vez que consideram mais adequado o termo *Cidades em Globalização (Globalizing Cities)*. Essa nova perspectiva é uma avanço do ponto de vista metodológico uma vez que incorpora com mais facilidade as grandes cidades dos países em desenvolvimento, que em alguma medida, estão integradas na Rede Urbana Global. Assim, nos países em desenvolvimento, a ideia de *Cosmopolis* entendida como uma utopia ainda não totalmente concretizada tem um maior poder explicativo do que quando utilizada apenas para rotular extensas áreas urbanas em conexão ainda incipiente com as redes globais. Neste caso, seria mais válido pensar em *cosmopolização*, ao invés de *Cosmopolis*, direcionando o foco das atenções para o *processo*, o que poderia revelar muito mais do que confundir. Isso pode ajudar a transpor as discussões sobre os impactos da Globalização nas cidades, sob a perspectiva da *Cosmopolis*, para a realidade dos países em desenvolvimento.

O conceito de *Cosmopolis* sugere que o principal foco de análise são as relações entre as cidades nas diversas partes do globo. Entretanto, para entender, com maior profundidade, como as cidades interagem e se integram no sistema mundo, também é de grande relevância aprender a olhar a cidade por dentro, ou seja, conhecer com clareza as suas especificidades intra-urbanas. Além disso, as dinâmicas regionais e nacionais também são de extrema importância. Só assim é possível aprofundar as análises sobre as singularidades da *cosmopolização* nas grandes cidades dos países em desenvolvimento, em relação ao que aconteceu nos países de economia mais dinâmica.

Ao estudar as grandes cidades dos países em desenvolvimento sob a ótica do processo, a ideia de *cosmopolização* deve estar ligada a uma abordagem que considere a interação entre todos os elementos que constroem essa nova realidade. As cidades em globalização, ou em *cosmopolização*, não se tornarão cidades exatamente iguais aos atuais centros de comando da economia mundial. Estas cidades variam em centralidade e na natureza de suas funções específicas na rede. Ser um nó mais importante na rede não se traduz necessariamente em ser uma cidade melhor (NIJMAN, 2011). Até porque, ao se falar em globalização, não se assume que este processo tem sido homogêneo nas diferentes regiões do mundo. Ainda, de acordo com Hill (2004), a cidade mais globalizada não mostra para a menos global a imagem de seu próprio futuro. Assim, os processos que regem o aumento da participação das cidades numa escala global dialogam com as especificidades regionais e locais ao redor do mundo.

Essa contextualização é de extrema importância, uma vez que as especificidades dos países em desenvolvimento ditam um futuro diferenciado das atuais *Cosmopolis*. Pensar em *cosmopolização* não é ter em mente a evolução de um processo homogêneo de integração e aumento da conectividade, mas sim, ter a oportunidade de refletir sobre tudo o que é diferente, específico e novo, no que tange às configurações das cidades nos países em desenvolvimento. A mobilidade de capitais, bens, informações e pessoas nesses países alcançaram novos patamares e estabeleceram novos padrões que precisam ser amplamente pesquisados.

5. Considerações Finais

Os maiores centros de comando dos países desenvolvidos transformam a realidade de todos os pontos integrados a rede mundial de cidades. A *cosmopolização* vem se acelerando e ditando um ritmo de integração jamais visto, sobretudo no plano das trocas de informações diante das novas formas de *flexibilidade* e de *interatividade* na produção de fluxos imateriais. Mesmo nas regiões menos integradas no sistema mundo, estudar o impacto das principais cidades do mundo nas redes urbanas dessas regiões parece promissor.

A adoção dos conceitos de *Cidade Global*, *Cidade Informacional* ou *Cosmopolis* não precisa, necessariamente, se restringir as ideias levantadas pelas abordagens anteriores que marcaram determinados pontos de vista sobre um mesmo objeto. Os conceitos podem e devem evoluir. A

realidade é dinâmica e a forma com que esta é apreendida, também.

É evidente a necessidade de mais abordagens que considerem os diversos níveis de integração e distanciamento das grandes cidades dos países em desenvolvimento. Apesar de ainda coadjuvantes do ponto de vista econômico e da capacidade de protagonizar trocas, merecem destaque nas discussões, uma vez que são os palcos principais das mais fortes contradições criadas com a intensificação desigual da globalização.

Considerando que as principais cidades dos países em desenvolvimento são as maiores portas dos respectivos países para o mundo, vale lembrar que estas portas “meio abertas” não permitem que parte significativa de seus habitantes participe, ativamente, dos diversos tipos de fluxos globais. Nesse sentido, mesmo diante das diversas evidências empíricas que apontam para o crescimento da importância das cidades dos países em desenvolvimento, pode-se falar em ‘globalidade altamente seletiva’ ou mesmo, de ‘falsa globalidade’ nesses países.

Nos países menos desenvolvidos do globo, o processo de *cosmopolização* encontra maiores impedimentos para lançar suas raízes e atuar na produção de novas formas de organização urbana e regional, internas às áreas urbanas e externamente nas redes urbanas (des) articuladas. Nesses países, os arranjos produtivos locais se organizam, na maioria das vezes, sob a influência de uma lógica que supera as fronteiras nacionais. Assim, a globalização aparece para essa massa de excluídos, mesmo que de costas, ditando regras e aprofundando desigualdades.

O que parece caracterizar a reestruturação dos processos urbanos nos países em desenvolvimento, de maneira similar ao das *Cosmopolis*, mas com níveis diferenciados, é uma combinação multiforme de características locais pré-modernas com as vozes e imagens globais pós-modernas. A *cosmopolização* está em curso.

REFERÊNCIAS

- [1] ALDERSON, A.; BECKFIELD, J. **Power and position in the world city system**. American Journal of Sociology. v. 109, 811-851, 2004.
- [2] CAMAGNI, R.; SALONE, C. **Network urban structures in Northern Italy: Elements for a theoretical framework**. In: Urban Studies. v. 30, n. 6, 1053-106, 1993.
- [3] CASTELLS, M. **La question urbaine**. Librairie François Maspero, 1972.
- [4] CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- [5] CASTELLS, M. **The Information Age: Economy, Society and Culture**. Oxford: Blackwell Publishing, 1997.
- [6] CASTELLS, M. **The Informational City: Information Technology, Economic Restructuring and the Urban-Regional Process**. Oxford: Blackwell Publishing, 1989.
- [7] CHIU, St.; L., T-L. **Hong kong: becoming a chinese global city**. Routledge. 2009.
- [8] CURIEN, N. **“D’une problématique générale des réseaux à l’analyse économique du transport des informations”**. In: Réseaux Territoriaux. ed. Gabriel Dupuy. Caen: Ed. Paradigme, 211-228. 1988.
- [9] DERUDDER, B.; TAYLOR, P.; WITLOX, F.; CATALANO, G. **Hierarchical tendencies and regional patterns in the world city network: a global urban analysis of 234 cities**. In: Regional Studies, v. 37, n. 9, 875-886, 2003.
- [10] DERUDDER, B. **On conceptual confusion in empirical analyses of a transnational urban network**. In: Urban Studies, v. 43, n. 11, 2027-2046, 2006.
- [11] DERUDDER, B.; WITLOX, F. **Mapping global city networks through airline flows: context, relevance, and problems**. In: Journal of Transport Geography. v. 16, 305-312, 2008.
- [12] DERUDDER, B. **Pathways of Change: Shifting Connectivities in World City Network**. In: Urban Studies. v.47, n. 9, 1861-1877, 2010.
- [13] DEVRIENDT, L.; DERUDDER, B.; WITLOX, F. **Cyberplace and cyberspace: two approaches to analyzing digital intercity linkages**. In: Journal of Urban Technology. v. 15, n. 2, 5-32, 2008.
- [14] DOBBS, R.; SANKHE, S. **Comparing urbanization in China and India**. Mackinsey Quarterly. 2010.
- [15] DOBBS, R. (orgs.) **Urban World Cities and the Rise of Consuming Class**. McKinsey Global Institute. McKinsey & Company. 2012.
- [16] ESPARZA, A.; KRMENEC, A. **Large City Interaction in the US Urban System**. In: Urban Studies. v. 37, n. 1, 691-709, 2000.
- [17] FERREIRA, J. S. W. **O Mito da Cidade Global: ideologia e Mercado na produção da cidade**. In: VI Seminário Internacional de Desarrollo Urbano, october 3-4, Buenos Aires, Argentina. 2003.
- [18] FORREST, R.; LA GRANGE, A. YIP, NGAI-MING. **Hong Kong as a Global City? Social Distance and Spatial Differentiation**. In: Urban Studies, v. 41, n. 1, 207-227, Jan. 2004.
- [19] FRIEDMANN, J. **The world city hypothesis**. Development and Change. v. 17, 69-83, 1986.

- [20] FRIEDMANN, J. **Where we stand: a decade of world city research**. In: P. Knox and P. J. Taylor (Eds) *World Cities in a World-system*, pp. 21–47. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.
- [21] FRIEDMANN, J. **World Cities Revisited: A Comment**. In: *Urban Studies*, v. 38, n. 13, 2535-2536, 2001.
- [22] FRIEDMANN, J.; LACKINGTON, T. **Hyperurbanization and Nacional Development in Chile: some hypotheses**. Santiago: UCC, 1966.
- [23] FRIEDMANN, J.; WOLFF, G. **World city formation: an agenda for research and action**. In: *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 6, n. 1, 309-44, 1982.
- [24] GARZA, V. G. **Cincuenta Años de Investigación Urbana y Regional en México, 1940-1991**. In: Ciudad de México: El Colegio de México, 1999.
- [25] GOEI, B.; BURGER, M.; VAN OORT, F.; KITSON, M. **Functional Polycentrism and Urban Network Development in the Greater South East UK: Evidence from Commuting Patterns, 1981-2001**. Erasmus Research Institute of Management, 2009.
- [26] GUGLER, J. **World Cities beyond the West: Globalization, Development and Inequality**. University of Connecticut. 2004.
- [27] HAMMOUDA, H. B. **Perspective on Globalization and its Structure**. *Codestria Bulletin*, 31-38. 2000.
- [28] HELD, D.; MCGREW, A.; GOLDBLATT, D.; PERRATON, J. **Global transformations: Politics, Economics and Culture**. Stanford: Polity and Stanford University Press, 1999.
- [29] HILL, R. C. **Cities and nested hierarchies**. Blackwell, 2004.
- [30] HILLING, D. **Transport and developing countries**. Routledge, 1996.
- [31] ICT Statistics Database. **Country data by region. Estimated Internet users fixed Internet subscriptions**. Geneva: International Telecommunication Union, 2010. Acesso em jun. 2011.
- [32] ISIN, E. **“Metropolis Unbound”: Legislators and Interpreters of Urban Form. In City Lives and City Forms: Critical Urban Research and Canadian Urbanism**. Ed: J. Caulfield and L. Peake. Toronto: University of Toronto Press, 1996.
- [33] JONES, E. **Towns and Cities**. London: Oxford University Press, 1954.
- [34] KLOOSTERMAN R. C.; MUSTERD S. **The polycentric urban region: towards a research agenda**. In: *Urban Studies*. v. 38, n. 1, 623-633, 2001.
- [35] KOLOSSOV, V.; VENDINA, O.; LOUGHLIN, J. **Moscow as an Emergent World City: International Links, Business Developments and the Entrepreneurial City**. In: *Eurasian Geography and Economics*. v. 43, n. 3, 170-196, 2002.
- [36] LAMBOOY J. G. **Polynucleation and urban development: the Randstad**. In: *European Planning Studies*. v. 6, n. 1, 457- 467, 1998.
- [37] LAPPO, G. **La Region Metropolitana de Moscu: Particularidades y Problemas**. In: *Estudios Geograficos*, v. 2. n. 4, 24-37, 1992
- [38] LEFEBVRE, H. **The urban revolution**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.
- [39] LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford, UK; Cambridge, Mass: Blackwell, 1991.
- [40] LEMANSKI, C. **Global Cities in the South: Deepening social and spatial polarization in Cape Town**. In: *Cities*, v. 24, n. 6, 448–461, 2007.
- [41] LENCIONI, S. **Cisão territorial da indústria e integração regional no estado de São Paulo**. In: BRANDÃO, C.; GALVÃO, A.C.; GONÇALVES, M. F. (orgs.) **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- [42] LENCIONI, S. **A emergência de um novo fato urbano de caráter metropolitano em São Paulo. A particularidade de seu conteúdo socioespacial, seus limites regionais e sua interpretação teórica. Anais do X Encontro Nacional da Anpur**. Belo Horizonte, 2003.
- [43] LENCIONI, S. **Novos rumos e tendências da urbanização e a industrialização no estado de São Paulo**. In: LIMONAD, E. (org.). **Brasil Século XXI – por uma nova regionalização?** São Paulo: Max Limonad, 2004
- [44] LIPIETZ, A. **Mirages and miracles: the crisis in global Fordism**. London: Verso, 1987.
- [45] LO, F-C.; MARCOTULLIO, P. **Globalization and urban transformations in the Asia Pacific region: a review**. In: *Urban Studies*, v. 37, n. 1, 77-111, 2000.

- [46] MA, K.; ZHOU, L.; NIU, S.; NAKAGOSHI, N. **Journal of international Development and cooperation**, v. 11, n. 2, 87-96, 2005.
- [47] MA, X; TIMBERLAKE, M. World City Typologies and National City System. In: **Urban Studies**, v. 50, n. 2, 255-275, 2013
- [48] MAGALHÃES, F. N. C. **Da Metrópole à Cidade-Região – Na direção de um novo arranjo espacial metropolitano?** In: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 10, n. 2, 9-27, 2008.
- [49] MALECKI, E. **The economic geography of the Internet's infrastructure.** In: Economic Geography, v. 78, n. 1, 399-424, 2002.
- [50] MATTHIESSEN, C. W. **World Cities of Scientific Knowledge: Systems, Networks and Potential Dynamics. An Analysis Based on Bibliometric Indicators.** In: Urban Studies, v. 47, n. 9, 1879-1894, 2010.
- [51] MERWE, I. J. V. **The Global Cities of Sub-Saharan Africa: Fact or Fiction?** In: Urban Forum 15, 36-47. 2004.
- [52] MONTE-MÓR, R. L. M. **A questão urbana e o planejamento urbano-regional no Brasil contemporâneo.** In Economia e Território, eds. Diniz & Lemos, 429-446. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2005.
- [53] MONTE-MÓR, R. L. M. **Modernities in the Jungle: Extended Urbanization in the Brazilian Amazonia.** Ph. D. Diss, University of California, Los Angeles (UCLA), 2004.
- [54] MONTE-MÓR, R. L. M. **Urbanização extensiva e novas lógicas de povoamento: um olhar ambiental.** In: Território: globalização e fragmentação, ed. Milton Santos et al., 169-181. São Paulo: Hucitec/Anpur. 1994.
- [55] NEAL, Z. P. **The Connected City: How Networks are Haping the Modern Metropolis.** 272 pgs. Routledge, 2012.
- [56] NIJMAN, J. **Mumbai as a global city: a theoretical essay.** In: DERUDDER, Ben; HOYLER, M.; TAYLOR, P.; WITLOX; F. International handbook of globalization and world cities. 2011. Cheltenham: EE. 2012
- [57] OCHI, H. **The environment for locating business operatives in major East Asian cities.** In: Research Report. Vol. 21, No. 65. Japan Development Bank, Tokyo. 1997.
- [58] OECD PISA. **2009 Results: What Students Know and Can Do.** Student Performace in Reading, Mathematics and Science, 2009.
- [59] OLIVEIRA, J. A. P. **Desafios do Planejamento em Políticas Públicas: Diferentes Visões e Práticas.** In: Revista de Administração Pública, v. 40, n. 2, 273-287, 2006.
- [60] OROZCO, P.; DERUDDER, B. **Determinants of Dynamics in the World City Network, 2000-2004.**In: Urban Studies, v. 47, n. 9, 1849-1867, 2010.
- [61] PARNREITER, C. **La Ciudad de México: el camino hacia una ciudad global.** In: Eure, v. 11, n. 85, 89-119, 2002.
- [62] PERROUX, F. **L'Économie du XXe siècle.** Paris: P.U.F. 1961.
- [63] PwC (PricewaterhouseCoopers). **Economic Outlook.** UK. 2009
- [64] REDFIELD, R.; SINGER, M.; **The Cultural Role of Cities.** In: Economic Development and Cultural Change, v. 3, n. 1, 53-73, 1954.
- [65] ROBERTSON, R. **Globalization: Social Theory and Global Culture.** London: Sage. 1992
- [66] ROBINSON, J. **Global and world cities: a view from off the map.** In: International Journal of Urban and Regional Research, v. 26, n. 3, 531-554, 2002.
- [67] ROBINSON, J. **Ordinary Cities: Between Modernity and Development.** London: Routledge. 2006.
- [68] SAITO, A. THORNLEY, A. **Shifts in Tokyo's world city status and the urban planning response.** In: Urban Studies, v. 40, n. 4, 665-685, 2003.
- [69] SANDERCOCK, L. **Towards Cosmopolis.** Chichester: John Wiley. 1998.
- [70] SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional.** São Paulo: Hucitec. 1994.
- [71] SANTOS, M. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo.** São Paulo: Hucitec. 1978.
- [72] SANTOS, M. **O Espaço Dividido.** São Paulo: Hucitec. 1979.
- [73] SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** Hucitec. 1996.

- [74] SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Nobel. 1998.
- [75] SASSEN, S. **Whose City is it? Globalization and the Formation of New Claims**. <http://www.ifs.tudarmstadt.de/fileadmin/lopof/sassen1997> (accessed December 10, 2007), 1997.
- [76] SASSEN, S. **Losing Control? Sovereignty in an Age of Globalization**. New York: Columbia U. Press, 1996
- [77] SASSEN, S. **The Global City: New York, London, Tokyo**. Princeton: Princeton U. Press, 1991.
- [78] SASSEN, S. **The Global City: New York, London, Tokyo**. 2ª ed. Princeton: Princeton U. Press, 2001.
- [79] SATHLER, D.; MONTE-MÓR, R.; CARVALHO, J. A. M. **As redes para além dos rios: urbanização e desequilíbrios na Amazônia Brasileira**. In: Nova Economia, v. 19 n. 1, 11-39, 2009.
- [80] SATHLER, D. **As redes para além dos rios: urbanização e desequilíbrios na Amazônia Brasileira**. Cedeplar. Belo Horizonte: 2009 (Tese de Doutorado)
- [81] SHAHID, Y.; WEIPING, W. **Pathways to a World City: Shanghai Rising in an Era of Globalization**. In: Urban Studies, v. 39, n. 7, 1213-1240, 2002.
- [82] SINGER, P. I. **O papel do crescimento populacional no desenvolvimento econômico**. São Paulo, 1968.
- [83] SKEERS, J. **Os Planos de Revolução Urbana na Índia: Todas as Vantagens aos Investidores**. <http://www.wsws.org/pt/2007/may2007/por1-m02> (Dec 18, 2007), 2007.
- [84] SMAILES, A. **Urban Systems, Transactions**. London: The institute of British Geographers, 1971.
- [85] SMITH, D.; TIMBERLAKE, M. **Cities in global matrices: toward mapping the world-system's city-system**. In: P. L. KNOX. P. J. TAYLOR. **World Cities in a World-system**. 79-97. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- [86] SMITH, D.; TIMBERLAKE, M. **World city networks and hierarchies, 1977-1997: an empirical analysis of global air travel link**. In: American Behavioral Scientist, v. 44, n.10, 1656-1678, 2001.
- [87] SOJA, E. W. **Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions**. In: Malden: Blackwell Publishing. 2000.
- [88] SPSS. **The SPSS Two Step Cluster Component**. Technical Report, 2001.
- [89] TAEUBER, I. B. **Population growth in underdeveloped areas**. In: HAUSER, P. M., ed. **The population dilemma**. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1965.
- [90] TAYLOR, P. J.; CATALANO, G; WALKER, D. **Exploratory analysis of the world city network**. In: Urban Studies, v. 39, 2377-2394, 2002.
- [91] TAYLOR, P. J. **Global Urban Analysis: A Survey of Cities in Globalization**. Earths can, 2011.
- [92] TOULMIN, S. **Cosmopolis: The hidden agenda of modernity**. Chicago, University Press, 1990.
- [93] UNITED NATIONS. **Replacement Migration: Is It a Solution to Declining and Ageing Populations?**<http://www.un.org/esa/population/publications/migration/Migration.htm> (accessed December 20, 2007), 2001.
- [94] UNITED NATIONS. **World Urbanization Prospects: The 2009 Revision Population Database**. In: <http://esa.un.org/wup2009/unup/index.asp?panel=2>. 2009.
- [95] UNITED NATIONS. **Indicators on Population, Demographic and Social Statistics**. Statistical Products and Databases. Social Indicators, 2011. Acesso em: jan de 2012.
- [96] VASANEN, A. **Functional Policentricity: Examining Metropolitan Spatial Structure through the Connectivity of Urban Sub-centres**. In: **Urban Studies**, v. 47, n. 16, 3627-3644, 2012
- [97] VLADIMIR, K.; OLGA, V.; JOHN, O'L. **Moscow as an Emergent World City: International Links, Business Developments and the Entrepreneurial City**. In: Eurasian Geography and Economics, v. 43, n. 4, 170-196, 2002.
- [98] VINCIGUERRA, S. **The Geography of Internet Infrastructure: An Evolutionary Simulation Approach Based on Preferential Attachment**. In: Urban Studies, v. 47, n. 9, 1869-1884, 2010.
- [99] WALLERSTEIN, I. **The Modern World System**. New York: Academic Press, 1974.

- [100] WALL, R; KNAAP, V. D. **Centrality and structure within contemporary worldwide corporate networks**, Economic Geography, 2010.
- [101] WANG, J.; SU, M.; CHEN, B.; CHEN, S.; LIANG, C. **A comparative study of Beijing and three global cities: A perspective on urban livability**. Higher Education Press and Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 2011.
- [102] WEIPING, W.; SHAHID, Y. **Shanghai: remaking China's future global city**. Cambridge University Press, 27-58, 2004.
- [103] WELLISZ, S. **Economic Development and Urbanization**. In: JAKOBSON, L.; PRAKASH, V. (orgs). Urbanization and National Development, South and Southeast Asian Urban Affairs. Beverly Hills: Sage, 1971.
- [104] **World development Indicators 2011**, The World Bank. Acesso em: Julho 2011.

Cosmopolization in an Expanding and Contracting Universe: integration and exclusion in urban network of the developing world

Douglas Sathler^{1*}, Roberto Monte-Mór²

¹Geographer (IGC – UFMG) and Ph.D. in Demography (Cedeplar – UFMG). Professor at UFVJM.

² Architect and Urbanist (UFMG), Ph.D. in Urban Planning (University of California). Professor at Cedeplar – UFMG.

Abstract: Globalization restructured the relations between cities with implications for the whole planet. The formation of leading world cities, named *Cosmopolis* from a postmodern perspective, is the utmost expression of global development, particularly in economically dynamic countries. The paper presents some observations that consider the impacts of this process in urban networks, the emergence of large centers of global expression and new configurations of urban networks around the world. After that, we seek to explore aspects of the integration of urban networks in developing countries in the global system of cities. Urban networks in the developing world, generally more fragile and less dynamic in comparison to the more developed portions of the globe, revealing theco-existence of different patterns of articulation often marked by fluidity and connectivity, and sometimes marked by roughness and by the exclusion. Although metropolitan areas and urban agglomerations in developing countries have increasingly presented characteristics similar to the world's most dynamic cities, it must be emphasized that the word *Cosmopolis* does not seem entirely fit to describe cities like São Paulo, Mexico City, Mumbai, or Buenos Aires. In that sense, it seems more appropriate to think of *cosmopolization*, as opposed to *Cosmopolis*, placing the focus on the process in course, which may reveal much more about the urban reality that is being shaped in those countries than confound it with the socio spatial reality found in central countries. Cities in globalization, or in *cosmopolization*, will not become cities exactly like the current command centers of the global economy. In studies about globalization, the processes that conduct the increased participation of cities on a global scale should dialogue with regional and local specificities around the world.

Key Words: Cosmopolis, Cosmopolization, Globalization, Urban Network, Urban.

Informações sobre os autores

Douglas Sathler (UFVJM)

Endereço para correspondência: Rodovia MGT 367 – hm 583, nº 5000, Alto da Jacuba. Diamantina, Minas Gerais. Brasil. CEP: 39100-000

Email: doug.sathler@gmail.com

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1052035923470692>

Roberto Monte-Mór (UFMG)

Endereço para correspondência: Av. Antônio Carlos, 6627. Pampulha. Belo Horizonte, Minas Gerais. Brasil. CEP: 31270-901.

Email: montemor@cedeplar.ufmg.br

Link para currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4959770471560277>

Artigo Recebido em: 18-01-2013

Artigo Aprovado em: 20-03-2013